


“A TERCEIRA MARGEM DO RIO” (GUIMARÃES ROSA)

**ANALYSIS OF THE SHORT STORY: “THE THIRD BANK OF THE RIVER”
(GUIMARÃES ROSA)**

ANÁLISIS DEL CUENTO: “LA TERCERA ORILLA DEL RÍO” (GUIMARÃES ROSA)

 <https://doi.org/10.56238/arev8n5-102>

Data de submissão: 24/04/2026

Data de publicação: 24/05/2026

Karin Tyeko Anami Reigoza

Mestra em Ensino

Instituição: Instituto Federal Catarinense

E-mail: tyekoanami@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6130-1072>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8855757835725575>

RESUMO

O presente artigo de opinião realiza uma análise do conto "A terceira margem do rio" de João Guimarães Rosa, destacando os elementos literários e simbólicos dessa magnífica obra. Para o aporte teórico cita-se Cosson (2018), Moisés (2014), Galvão (1978) e Marchini (2016), que auxiliam a complexidade da literatura rosiana em sua representação. Inicialmente, o texto contextualiza a biografia do autor e os aspectos culturais que influenciaram sua escrita. Em seguida, para a análise do conto, ressalta-se o uso singular de neologismos, regionalismos e temas metafísicos, assim como metáforas da "canoa" e do "rio", símbolos de finitude e continuidade. Rosa aborda a terceira margem como um espaço que transcende o real, desafiando o leitor a explorar o indefinível. A relação entre pai e filho no conto é marcado por laços de amor e culpa, revelando o embate entre o humano e o eterno. Enfim, a obra oferece múltiplas interpretações, estabelecendo uma conexão profunda entre narrativa e identidade.

Palavras-chave: Linguagem Poética. Literatura Rosiana. Contos.

ABSTRACT

This opinion article provides an analysis of the short story "The Third Bank of the River" by João Guimarães Rosa, highlighting the literary and symbolic elements of this magnificent work. The theoretical framework cites Cosson (2018), Moisés (2014), Galvão (1978), and Marchini (2016), which assist in understanding the complexity of Rosa's literature in its representation. Initially, the text contextualizes the author's biography and the cultural aspects that influenced his writing. Subsequently, in the analysis of the story, the unique use of neologisms, regionalisms, and metaphysical themes is emphasized, as well as the metaphors of the "canoe" and the "river," symbols of finitude and continuity. Rosa addresses the third bank as a space that transcends the real, challenging the reader to explore the indefinable. The relationship between father and son in the story is marked by bonds of love and guilt, revealing the conflict between the human and the eternal. Ultimately, the work offers multiple interpretations, establishing a profound connection between narrative and identity.

Keywords: Poetic Language. Rosa's Literature. Short Stories.

RESUMEN

El presente artículo de opinión realiza un análisis del cuento "La tercera orilla del río" de João Guimarães Rosa, destacando los elementos literarios y simbólicos de esta magnífica obra. Para el aporte teórico se citan Cosson (2018), Moisés (2014), Galvão (1978) y Marchini (2016), quienes ayudan a comprender la complejidad de la literatura rosiana en su representación. Inicialmente, el texto contextualiza la biografía del autor y los aspectos culturales que influyeron en su escritura. A continuación, para el análisis del cuento, se resalta el uso singular de neologismos, regionalismos y temas metafísicos, así como las metáforas de la "canoa" y del "río", símbolos de finitud y continuidad. Rosa aborda la tercera orilla como un espacio que trasciende lo real, desafiando al lector a explorar lo indefinible. La relación entre padre e hijo en el cuento está marcada por lazos de amor y culpa, revelando el conflicto entre lo humano y lo eterno. En fin, la obra ofrece múltiples interpretaciones, estableciendo una conexión profunda entre narrativa e identidad.

Palabras clave: Lenguaje Poético. Literatura Rosiana. Cuentos.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa breve análise do conto de Guimarães Rosa intitulado “*A terceira margem do rio*”. Para o aporte teórico e metodológico cito Galvão (1978), (2000), Marchini (2016), Cosson (2018) e Moisés (2014).

A análise de uma obra rosiana de tal magnitude é tarefa árdua e complexa. Cosson (2018) esclarece que o corpo da linguagem, o corpo da palavra, o corpo da escrita encontra na literatura seu mais perfeito exercício (...) isso porque a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo. (Cosson, 2018, p.16). A narrativa rosiana adentra nossa alma com inúmeras formas e possibilidades sendo compreendida como real ou imaginária, oculta ou misteriosa, podemos definir o indefinível?

O texto que segue foi dividido em três partes: primeiro uma breve biografia do escritor Guimarães Rosa e o contexto da obra; em seguida, a análise do conto “*A terceira margem do rio*”, e finalmente, uma breve consideração desta análise.

2 GUIMARÃES ROSA

João Guimarães Rosa foi médico, diplomata e escritor brasileiro, inovador no uso da linguagem incorporando regionalismos e neologismos. Nasceu em 27 de junho de 1908 na cidade de Cordisburgo, Minas Gerais e faleceu em 19 de novembro de 1967, no Rio de Janeiro. Conhecido principalmente por sua obra-prima “*Grande Sertão: Veredas*”, publicada em 1956. Uma das maiores obras da literatura brasileira e mundial, com uma linguagem complexa e poética. Escreveu outras obras como “*Sagarana*” (1946), “*Corpo de Baile*” (1956), “*Primeiras Estórias*” (1962) e “*Tutaméia: Terceiras Estórias*” (1967), entre outras.

Antes de se tornar um escritor famoso e reconhecido por belíssimas obras, estudou medicina na Universidade Federal de Minas Gerais e atuou como médico no interior de Minas Gerais, onde teve contato direto com a cultura e os sertões do Brasil, uma experiência que influenciou profundamente sua escrita.

Na obra de Guimarães Rosa, a fronteira entre prosa e poesia é uma linha tênue. Ele molda a linguagem do sertão, criando e reinventando palavras, misturando expressões antigas com termos eruditos, populares e contemporâneos. Ao mesmo tempo, desafia a sociedade corrupta que degrada o indivíduo, conferindo à sua escrita uma dimensão universal, onde questões morais e metafísicas são exploradas. Para ele, a revolução é, em sua essência, um ato poético. O autor emergiu como uma voz não urbana, muitas vezes associada à terceira fase do modernismo. Contudo, seus escritos transcendiam o regionalismo convencional, que ora romantizava a vida no sertão, ora se contentava com aspectos pitorescos, realistas ou coloquiais.

Dentro dessa linguagem inovadora, a temática abordada é profundamente existencialista, explorando as indagações universais do ser humano: o propósito da vida e da morte, a presença de Deus e do diabo, o significado do amor, da ambição e do ódio. “*A Terceira Margem do Rio*” foi escrita em 1962, e compõe a obra *Primeiras Estórias*, lançada no mesmo ano e agraciada com o Prêmio do PEN Clube do Brasil.

Primeiras Estórias são 21 contos que abrangem uma variedade de gêneros, do psicológico ao fantástico, do anedótico ao autobiográfico. Estas histórias aparentemente simples são ambientadas predominantemente em áreas rurais, com exceção de duas, “*O Espelho*” e “*Daradina*”, que se passam em ambientes urbanos. Em 1963, Guimarães Rosa foi escolhido para fazer parte da Academia Brasileira de Letras com o apoio unânime dos votos, tornando-se o terceiro ocupante da cadeira número 2 (Galvão, 1978, p. 30, 31).

3 ANÁLISE DO CONTO

Para a análise desta narrativa literária necessário considerar que o valor de uma obra depende de uma série de fatores, dentre os quais o nível de aproximação e distanciamento da realidade. (Moisés, 2014, p. 35). Isso porque um escritor:

Constitui sempre um ser vivo, empregando regras (ainda que somente sintáticas), aberto aos influxos de fora, da cultura em que foi produzido, da Língua em que foi elaborado, da sociedade que o motivou, dos valores em vigência no tempo, etc. Se a tudo isso que o envolve, que lhe enforma a circunstância originária, se atribuir o nome do contexto, é imediato deprender que, efetivamente, toda análise textual acaba sendo contextual (Moisés, 2014, p. 17).

Moisés esclarece ainda que, um escrito constitui sempre um ser vivo, empregando regras, aberto aos influxos de fora, da cultura em que foi produzido, da língua em que foi elaborado, da sociedade que o motivou, dos valores em vigência no tempo...e o conto devido às suas características essenciais se configura essa célula dramática, com unidade de tempo, lugar e ação, sendo esperado que rejeite o ritmo lento e opte pela intensidade de cada momento da realidade diária. (Moisés, 2014, p. 98).

Guimarães Rosa que tecia escritos repletos de neologismos, regionalismos e o jogo de três palavras, se fez um autor peculiar ao inserir na sua literatura, aspectos da formação do Brasil por meio da teoria social do romance. Sua obra não deve ser meramente restringida ao aspecto regional, pois, ela torna-se universal quando por meio dela o espaço e a região que lhe dá forma, ganham dimensões universais, cujas estórias ou histórias são passíveis de acontecer em quaisquer lugares.

Como mencionado na introdução, esta análise do conto rosiano foi pautada em breve pesquisa bibliográfica em artigos e livros. O que surpreende são os parâmetros analisados do conto “*A terceira margem do rio*” de Guimarães Rosa: uma relacionada em dimensões da vida, ou seja, inexplicáveis e a outra pautada na finitude, a morte. Para Galvão (1978) o período de uma vida, de cada vida, não é nada quando colocado contra a lentíssima história da espécie - mal se começa a desconfiar que se está vivo e já é a hora de morrer (p. 37).

Esta jornada de análise literária segue margeando esse conto e destacando o título: “*A terceira margem do rio*”. Qual provocação instiga Guimarães Rosa? Que lugar ou qual rio possui uma terceira margem? Qualquer leitor não encontrará, no decorrer da leitura do conto outra menção a uma terceira margem. O título remete ao diferente, ao inexistente e até o impossível, permanecendo no imaginário de cada um e além da vida.

Para Galvão, a experiência humana não reconhece uma terceira margem do rio e o leitor necessita visualizar o “*rio*” em seu sentido conotativo, pois caso contrário, não conseguirá compreender essa terceira margem, sendo que as duas margens do rio estão situadas no mesmo nível da realidade. (Galvão, 1978, p. 37, 38). Já para Marchini (2010), a terceira margem aponta à negação, ao atemporal, ao descontínuo inserindo o leitor nas questões humanas mais profundas (Marchini, 2010, p. 210).

No conto observa-se uma narrativa- o filho- que descreve os integrantes da família. Porém, em nenhum momento são citados os nomes próprios desses familiares. Aqui Galvão (1978) interpreta que o uso do possessivo plural em primeira pessoa sem os nomes próprios aflora, destaca e demarca as relações e os laços familiares (Galvão, 1978, p. 40).

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto (Rosa, 2001, p. 79).

No excerto acima, a descrição do pai perdura a patriarcal, de chefe de família, de cumpridor, de ordeiro e de quieto muito semelhante com a descrição do rio: “...o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre” (grifo nosso). Destarte, o rio é situado como o cenário principal: “*Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua*”. Guimarães Rosa revela então, a existência de um tempo e um espaço geográfico (o rio, as margens, a casa...).

Consoante com Moisés (2014), uma narrativa pode ser desenvolvida na cidade ou no campo, mas depende de seu caráter linear ou vertical e a importância assumida pelo cenário. O espaço geográfico desse conto deve estar diretamente relacionado com o drama que lhe serve de motivo: a

paisagem vale como uma espécie de projeção das personagens ou o local ideal para o conflito, carece de valor em si, está condicionada ao drama em causa (Moisés, 2014, p. 108). No conto rosiano, o leitor internaliza a importância desse espaço geográfico, o rio, suas margens, a casa, pois, de acordo com Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro,

Numa entrevista o escritor João Guimarães Rosa, recordando a infância, declarava-se arredio aos adultos, recolhendo-se às suas preferências: “estudar sozinho e brincar de geografia”. Ao associar a Geografia a uma atividade lúdica, Rosa demonstra que, para um menino solitário, “viajar” pelo mundo era atividade prazerosa (Monteiro, 2002, p. 2013).

E na casa, onde se desenrola a trama do conto em questão, residia uma família de cinco pessoas: o pai, a mãe, o filho, a irmã e o irmão. O filho- narrador- logo no início do conto, revela aos leitores a decisão do pai: “*Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.*” Segundo Galvão (1978), nesse momento contrapõem-se duas imagens literárias: o rio simbolizando a continuidade (infinitamente) e a canoa, que simboliza a descontinuidade (a finitude). Ambas se espelham, modificadas no e pelo tempo. Tempo que passa lento como o fluir ininterrupto do rio, e que na vida humana, segue veloz (Galvão, 1978, p. 59).

Por conseguinte, Moisés (2014, p. 108) elucida que, o tempo, por sua vez, configura como um dos elementos mais cruciais - se não o mais crucial de um conto. Ao dar forma ao tempo, o ser humano busca vencer a fugacidade da existência e se conectar com o tempo cósmico, que perdura eternamente, alheio à finitude da vida humana; ao criar narrativas temporais, o contista nutre a esperança de congelar ou ultrapassar essa noção. As duas margens do rio situam-se em reconfortantes coordenadas de tempo e espaço (Galvão, 1978, p.38).

Voltando os olhares ao conto nos seguintes excertos: o desejo do pai na construção da canoa: “*Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador (...)toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos*”. A intenção do pai era fazer morada no rio. E por qual razão o “pai” tão ordeiro decide abandonar a família e morar em uma canoa?

A mãe discordou da atitude do marido: “*Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu, somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!"*. O filho, permaneceu dividido entre a mãe e o pai, todavia, perguntou: “*Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?*” *Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás*” (Rosa, 2001, p. 83).

Diante de desentendimentos, principalmente entre pai e mãe, é normal que os filhos procurem acalantar aquele que nada disse. Rosa utiliza de pronomes do caso reto mescladas com a variante

caipira e o regionalismo. E esse imperativo em ordem crescente, simboliza ordem dada, sutilmente, na escrita: “*cê*”, “*ocê*” e “*você*”.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. (Rosa, 2001, p. 83. grifo nosso)

No excerto acima: “*Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte.*” Percebe-se que o “*pai*” entrou na canoa e conforme o seu desejo a fez sua nova morada, mas ao mesmo tempo não foi a parte alguma, ou seja, o pai dentro da canoa, longe e perto da família, afastado da terra e na terceira margem do rio

Ao mencionar “tempo”, Moisés (2014) pontua que cada leitor pode dividir o tempo em cronológico ou histórico, e psicológico ou metafísico. O primeiro refere-se à marcação das horas, minutos e segundos, no relógio. O tempo psicológico caracteriza-se por desobedecer ao calendário e fluir dentro das personagens, como um eterno presente, um tempo-duração sem começo, nem meio, nem fim (Moisés, 2014, p. 102). Percebe-se que o conto rosiano em análise, mescla o tempo cronológico assim como o psicológico.

Nos parágrafos seguintes a comunidade se inquietou com o fato e a notícia gerou inusitadas versões para o ocorrido: lepra, doideira, pagamento de promessa. O filho então, não aceita essa ruptura e passou a levar suprimentos ao pai: rezas, súplicas e oferendas diárias, e, no entanto, aquele contato nunca aconteceu. “*Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso.*”. Aqui constata-se uma das características da escrita de Guimarães Rosa: o emprego de neologismos e a formação de palavras a exemplo de “*diluso*”: palavra inventada cabendo a cada leitor a sua significação ou derivação. Seria de luto ou diluído?

Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos. (Rosa, 2001, p. 83)

No conto, os leitores visualizam o que o filho vê- o narrador da estória-, que não processa a ruptura, permanece aprisionado ao “*pai*”, não aceita o luto. Tem o apego emocional e o sentimento de vazio. E o tempo, o cronológico, acaba por seguir seu curso. A irmã se casou, gerou herdeiro, ergueu o filho na margem para mostrar ao pai, chorou, fez despedida indo embora com a mãe e depois foi o irmão. E filho-narrador-permaneceu morando na casa, sem casar ou gerar herdeiros, e com o passar dos anos, foi envelhecendo ao lado do rio: “*Os tempos mudavam, no devagar depressa dos*

tempos(...) Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento¹.

Galvão (1978, p. 39) esclarece que, amor e culpa são sentimentos que unem o filho ao pai. E essa relação é tão forte que o filho propõe ao pai a substituição na canoa: "*Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!*" (Rosa, 2001, p. 85). O filho propõe assumir a terceira margem do rio.

E assim, decorridos tantos anos, eis que o pai levanta da canoa como um vulto do além, tão próximo e tão distante, na terceira margem do rio. E de forma rápida, o filho foge: "*Por favor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo "um perdão."* Em sua interpretação, Galvão (1978) menciona que a solidão da morte proíbe que mais de um indivíduo ocupe a mesma canoa. (p. 39).

E dessa maneira, com os fatos narrados do conto rosiano, depreende-se que a canoa pode configurar a descontinuidade, ou até por analogia, um objeto da travessia; e o rio? Ah, o rio continua sendo aquele que transita quieto e calado na continuidade sem fim, mesmo porque o "rio" pode ser interpretado como a transformação e a mudança.-- A bem da verdade, ninguém revelou o que acontece depois da morte. Aceitar a própria finitude é, sem dúvida, mais leve do que conviver com o luto.

Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rioⁱⁱⁱ (Rosa, 2001, p. 85)

4 CONSIDERAÇÕES

"*A terceira margem do rio*" é um conto inspirador, de beleza ímpar. Repleto de ressignificações, neologismos, uma obra em prosa poética. A cada leitura realizada, o leitor é transportado a outros mundos, a outros imaginários, levado e direcionado a tantos outros questionamentos e inquietações. Essa terceira margem do rio de Guimarães Rosa corre dentro de todos nós? Fato é que cada leitor, em seu próprio tempo e subjetividade, analisa e compreende o conto rosiano em sentidos diferenciados.

Cosson (2018) refere-se a escrita e a leitura como os meios primordiais onde o indivíduo reconhece a comunidade pertencente. A literatura revela a identidade e incentiva os desejos de expressar o mundo (...) as palavras vem da sociedade que todos fazem parte e não pertencem a ninguém ... e é exatamente por esse uso das palavras tanto individualmente como coletivamente, que as palavras se modificam, se dividem, e se multiplicam vestindo de sentido do fazer humano (Cosson,

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. Letramento literário/ teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006. p. 139.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Guimarães Rosa. Publifolha. São Paulo: 2000. p. 75

GALVÃO, Walnice Nogueira. Mitológica Rosiana. São Paulo. Editora Ática. 1978. Ensaio 37. p.126.

MARCHINI, Welder Lanciere. Atravessando margens: “A terceira margem do Rio” na perspectiva do rito de passagem. Editora Teoliterária. V.6-N.12. 2016. p. 206-222.

MOISÉS, Massaud. A Análise Literária. 19a ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002, 242p.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: Primeiras histórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 79-85.